

Lugar de escuta

Por uma psicanálise antirracista no Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae

Noemi Moritz Kon

Noemi Moritz Kon é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, mestre e doutora pelo Departamento de Psicologia Social do Instituto de Psicologia da USP e autora de *Freud e seu duplo* (Edusp/Fapesp, 1996), *A viagem: da literatura à psicanálise* (Companhia das Letras, 2006) e coorganizadora com Cristiane Curi Abud e Maria Lúcia da Silva de *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise* (Perspectiva, 2017). Docente no curso de Psicanálise, membro do grupo de trabalho “A cor do mal-estar: psicanálise e racismo – da invisibilidade do trauma ao letramento” e do “Generidades: identidades gêneros e desejo” do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Participa também do “Grupo de Psicanalistas Atent@s às questões étnico-raciais” do Instituto AMMA, Pique e Negritude.

Resumo Este texto foi atualizado a partir daquele que apresentei na segunda etapa do evento “Política de cotas: uma questão urgente para as instituições de formação psicanalíticas”, promovido em 2022 pelo grupo “A cor do mal-estar: psicanálise e racismo – da invisibilidade do trauma ao letramento”, do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

Fui convidada então, como agora, para dar meu testemunho sobre a primeira fase do movimento de luta antirracista no Departamento de Psicanálise, momento em que iniciamos um trabalho sobre a relação entre a psicanálise e o racismo no Brasil. A comemoração de 40 anos de nosso Departamento, sob o mote das transformações da psicanálise no mundo, no Brasil e no Departamento, tema geral deste número da *Percursos*, me parece ser uma boa oportunidade para recuperar parte da memória e ressituar em nossa história institucional a questão étnico-racial como elemento fundamental, mas tantas vezes recusado, de revisão e de aprimoramento da psicanálise no Brasil e no mundo.

Palavras-chave racismo; psicanálise; formação em psicanálise.

DOI: 10.70048/percurso.74.95-104

1 *O coração das trevas*, 1899.

2 *Apocalypse now*, 1979.

3 *Desobediências poéticas* (São Paulo, Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2019).

Para Maria Lúcia da Silva

Para Anne Egídio, Maria Aparecida Miranda e Marisa Correa da Silva

Para Erivelton Amaro (Ton)

O horror! o horror!

[J. Conrad¹]

[Francis Ford Coppola²]

Fica então uma simples questão: qual o papel que escolhemos ter?

O papel de Narciso, que não sabe. O papel de Eco, que não quer saber.

A obediência de ambos, que não se deve saber.

Ou saber, o que há muito sabemos.

[Grada Kilomba³]

Este texto foi atualizado a partir daquele que apresentei na segunda etapa do evento “Política de cotas: uma questão urgente para as instituições de formação psicanalíticas”⁴, promovido em 2022 pelo grupo “A cor do mal-estar: psicanálise e racismo – da invisibilidade do trauma ao letramento”⁵, do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Acrescentei algo ao conteúdo, mas mantive a forma, a oralidade na transmissão.

Estávamos em plena pandemia de COVID-19, vivendo o inferno do desgoverno Bolsonaro. Fui convidada então, como agora, para dar meu testemunho sobre a primeira fase do movimento de luta antirracista no Departamento de Psicanálise, momento em que iniciamos um trabalho sobre a relação entre a psicanálise e o racismo no Brasil.

A comemoração de 40 anos de nosso Departamento, sob o mote das transformações da psicanálise no mundo, no Brasil e no Departamento, tema geral deste número da *Percursos*, me parece ser uma boa oportunidade para recuperar parte da memória e ressituar

em nossa história institucional a questão étnico-racial como elemento fundamental, mas tantas vezes recusado, de revisão e de aprimoramento da psicanálise no Brasil e no mundo.

* *

Creio que não tenho muito a acrescentar a respeito do racismo estrutural, institucional e sistêmico, central para a incivilidade brasileira, aliás, incivilidade constituída, desde sua concepção, pelo estupro, pela invasão pretensiosamente colonizadora, pela exploração e pelo assassinato dos povos originários e dos milhões de escravizados raptados e trazidos à força, como mercadoria, nos porões dos tumbeiros europeus. Penso que pouco ou nada tenho a dizer além do que tem sido apresentado de forma consistente e insistente pelas(os) colegas do grupo “A cor do mal-estar” e por tantas e tão importantes produções de toda natureza, seja no campo das artes audiovisuais, das artes plásticas, da literatura, da música, dos espetáculos, da academia, da política e da mídia em geral que hoje chegam até nós por meio das redes, além da grande imprensa e das editoras. São produções, em sua maioria, de autores que até há bem pouco tempo eram silenciados, que não encontravam espaço público para se pronunciar, para se fazerem ver e escutar, autoras(es) que só se tornaram recentemente, depois de árdua luta, vozes valorizadas e reconhecidas como necessárias e, então, disputadas.

São esses autores, em sua grande maioria negros, que devem ser buscados, para que nos ajudem a desmontar, em nós, em cada um de nós, uma história oficial nacional feita de mentiras e lacunas, uma história de violências, uma história construída pela exploração da força de corpos torturados para a sustentação e manutenção do poder nas mãos dos mesmos, dos assim chamados colonizadores e de sua descendência, fantoches vorazes que apregoam como valor inquestionável aquilo que eles mesmos estabeleceram, à força, como o universal desejável, como o padrão adequado, ou seja, a cis-heteronormatividade europeia, branca e patriarcal, ou seja, aquilo que tem



*são esses autores, em sua grande
maioria negros, que devem ser
buscados, para que nos ajudem a
desmontar, em nós, uma história oficial
nacional feita de mentiras e lacunas*

sido conceituado como branquitude. Branquitude pactuada que assegura benefícios para a imensa maioria dos psicanalistas brasileiros que dela participam, garantindo o usufruto do privilégio secular que a desigualdade, construída historicamente a partir do marcador social de raça e do racismo contra o negro no Brasil, estabelece.

Desejo que esses autores nos instruem, com paciência – se ainda suportarem tê-la –, para que sejamos capazes de destruir o denso véu ideológico que buscou encobrir, e com sucesso, outras tantas experiências de vida, compreensões discursivas, conhecimentos que foram, então, negados em sua potência de verdade e transformação. Um duro e difícil processo de análise e reflexão, de reposicionamento e descentramento, de letramento, como temos chamado também por aqui, para desfazer nossa ignorância branca⁶, nossa soberba, e desmontar a recusa da realidade, esse mecanismo patológico que governa nosso psiquismo e que sustenta e reproduz a perfídia ideológica da disparidade normalizada que nos constitui, construindo, também, a realidade na qual passamos, violenta e delirantemente, a viver.

Foi Maria Lúcia da Silva, psicanalista, ativista antirracista e feminista, quem me ofereceu a oportunidade para desfazer o encanto ilusório e perverso dessa montagem ideológica colonial.

Quero aqui agradecer publicamente a você, Lúcia, uma vez mais. Sua presença tem sido fundamental, transformando meu itinerário de vida e de estudos, bem como a minha compreensão da psicanálise, campo que também nos une aqui. E sei que, assim como tantos outros, fui atravessada pela verdade que você expõe, verdade capaz de desmontar com veemência, força e coragem a



*nós, brancos, não vimos e não
escutamos o que era tão evidente,
tão gritante, tão impossível.
Era mesmo inacreditável e inaceitável.
Era louco e enlouquecedor.*

hipocrisia, às vezes, a impostura, muitas outras,
de tantos discursos que nós brancos empunhamos

- 4 Evento incontornável para esse Departamento de Psicanálise, quando se trata da elaboração de relações étnico-raciais entre nós, e que evidenciou o traumático e a violência que subjazem e estruturam as relações interraciais em nosso país. Disponível em: <<https://sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?mpg=07.08.52>>.

Pela participação, agradeço, primeiramente, à comissão organizadora do evento, composta por Ana Lucia Marques, Anne Egídio, Erivelton Amaro, Maria Miranda, Marisa Correa, Paula Francisquetti e Tânia Veríssimo, o convite para que participasse dessa mesa, na companhia das queridas colegas Maria Lúcia da Silva, Anne Egídio, Heidi Tabacof, além de Maria Aparecida Miranda e Maria de Fátima Vicente e Maria Miranda. Uma honra e um privilégio. Agradeço também a todo o grupo de trabalho “A cor do mal-estar: psicanálise e racismo – da invisibilidade do trauma ao letramento”, pelo tanto que tenho aprendido no trabalho que temos desenvolvido juntos, agradeço ainda à Comissão de Reparação e Ações Afirmativas e ao Conselho de Direção do Departamento de Psicanálise.

- 5 O grupo de trabalho (estudo, pesquisa e intervenção) “A cor do mal-estar: psicanálise e racismo – da invisibilidade do trauma ao letramento” iniciou suas atividades em 2018, fruto de conversas e reflexões nos encontros da Incubadora de Ideias. Suas proponentes foram Anne Egídio, Maria Aparecida Miranda e Marisa Correa da Silva. São componentes do grupo de trabalho: Ana Carolina Vasarhelyi, Ana Lucia Marques Souza, Anne Egídio, Camila Munhoz, Claudia Ribeiro Martins, Christiana Freire, Cristina Barczinski, Cristina Herrera, Erica Yamaguchi Otsubo, Erivelton Amaro Teixeira, Glicéria Correia Laranjeira Netto, Heidi Tabacof, Juliana Dantas, Laura Miranda Canhada, Lia Novaes Serra, Ligia Pezatti, Maria Aparecida Miranda, Marisa Correa da Silva, Maria Leticia P. Munhoz, Maria Odete de Oliveira Ribeiro (Dedé), Marta Azzolini, Noemi Moritz Kon, Paula Francisquetti, Paulo Henrique Viçoti, Raphael Rodrigues Martins, Roberta Veloso de Matos, Selma Tavares, Solange Maria Santos Oliveira e Tania Corghi Verissimo.
- 6 Utilizo aqui o conceito desenvolvido por Charles Wade Mills, autor de diversos livros que tratam da relação entre filosofia política e racismo, considerado um dos precursores da teoria racial crítica (*critical race theory*). “Epistemologia da ignorância branca” é um dos temas principais de *The Racial Contract*, de 1997. O artigo “Ignorância branca”, de C.W. Mills, pode ser acessado em <<https://philarchive.org/archive/SANIB>>.
- 7 Sei, a cada dia mais, que onde a branca em mim ri, a judia em mim não ri e, quando tem força, denuncia.
- 8 Comissão Organizadora do evento *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise*: Ana Carolina Neves, Hiliana Reis, Mara Caffé, Maria Auxiliadora Cunha Arantes, Maria Célia Malaquias, Maria Lúcia da Silva, Maria Beatriz Costa Carvalho Vannuchi, Noemi

com superioridade, em prol da manutenção de nossos privilégios.

Em 2011, no âmbito do curso Conflito e Sintoma do Departamento de Psicanálise, Lúcia denunciou a presença de uma fala de cunho racista que atravessava a todos nós em sala de aula.

Era uma fala de aparência ingênua e desimportante – isso aos ouvidos dos brancos, evidentemente –, mas que carregava todo o peso do racismo que estrutura nossa história de objetificação, humilhação, traumatização e morticínio. Não podia ser pior: ao estudarmos a fase anal e a necessidade de submissão do pequeno humano à castração, à norma e à Lei, comparou-se as fezes, nossos dejetos, a um “negão”.

Ainda ouço a frase que concluía a vinheta, com a criança se despedindo de seu cocô no acionamento da descarga, uma frase repetida várias vezes entre os risos divertidos dos componentes do grupo em sala de aula:

“Tchau, negão, tchau negão!!!”

Mas os risos não foram compartilhados por todos os participantes!

Maria Lúcia da Silva não riu! Tomou a palavra, protestou e denunciou a nossa manifestação racista. Foi um abalo sísmico, com a energia da enunciação vinda de um fora, chacoalhando veementemente a tranquilidade e o conforto alienado do suposto centro.

Nós, brancos⁷, não vimos e não escutamos o que era tão evidente, tão gritante, tão impossível. Era mesmo inacreditável e inaceitável. Era louco e enlouquecedor.

Narrei esse episódio, para mim certamente germinal, em mais detalhes, na apresentação do título publicado em 2017, pela editora Perspectiva, livro que passou a ser, desde seu lançamento, referência por seu pioneirismo para os estudos na intersecção da psicanálise com as questões étnico-raciais, livro que organizamos juntas – Maria Lúcia da Silva, Cristiane Cury Abud e eu. Livro que recebeu o mesmo nome do evento proposto por Lúcia, evento de altíssima intensidade, e que foi sustentado por um grupo de integrantes⁸ do Departamento de Psicanálise. Um evento em três

partes, que ocorreu nas dependências do Instituto Sedes Sapientiae e que tomou todo o primeiro semestre de 2012, o mesmo ano da institucionalização das ações afirmativas e da implantação da Lei de Cotas na universidade pública brasileira⁹.

Evento e livro foram chamados: O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise¹⁰.

Sim! Questões para a psicanálise!

Questões propostas por Maria Lúcia da Silva para todos nós psicanalistas, psicanalistas do Departamento de Psicanálise, do Departamento de Formação em Psicanálise e do Departamento Psicanálise com Crianças, mas não só, também para os psicossomatistas, os psicopedagogos, os gestaltistas, junguianos, os reichianos, os arte terapeutas, para todas as correntes, enfim, de cuidados em saúde mental que atuam nesse instituto, para a Clínica Psicológica, para seus vários núcleos, para a biblioteca, para os trabalhadores da zeladoria, para os setores administrativos e financeiros, para a Diretoria do Instituto e para a Associação Instrutora da Juventude Feminina, instituição religiosa e filantrópica à qual o Instituto Sedes Sapientiae está vinculado. Esse instituto com uma longa e importante história de lutas para a retomada da democracia em nosso país, mas que precisa urgentemente se atualizar, reassumindo sua posição de destaque em seu engajamento político pelas causas boas e justas, deixando-se atravessar por um pensamento que tem sido chamado sinteticamente de decolonial, que opera na desconstrução das lógicas hegemônicas e supremacistas e que implica uma mudança na distribuição de lugares de poder, de valores e de papéis, e que se firma na luta antirracista, na luta pelos direitos dos povos originários, numa luta *pelos*, mas, também, e principalmente, *com* os que foram minorizados, diminuídos em sua potência de criação, e que só se dará se pudermos construir juntos ações reparatórias e afirmativas, adotando primeiramente cotas e bolsas, mas não só, estabelecendo equidade nos lugares, nas falas e nas escutas, abrindo ativamente espaço para a formação de uma comunidade rica e variada, ética e alegre, que se oponha com força e disposição à



*diante da fala de Lúcia,
diante da denúncia incontornável,
o que pode caber a nós psicanalistas
além da escuta, da reflexão*

desigualdade e à exploração seculares e sempre atuais e que deram origem à violência constitutiva de nossa barbárie particular, nosso Brasil.

Lúcia, sei bem que foi a partir de sua denúncia em 2011 que eu não pude mais não saber, que não pude deixar de saber o que já sabia, que não pude mais recusar algo que era minha história também, algo que, de algum modo, todos nós sabíamos e continuamos a saber, que era também de nossa responsabilidade, ainda que nada façamos quanto a isso.

“Eu sei, mas mesmo assim...”, como sintetiza Octave Mannoni – psicanalista francês que publica, já em 1950, *Psicologia da colonização*¹¹ –, o funcionamento do mecanismo de recusa que descreve o vínculo entre colonizador e colonizado, entre o invasor e os condenados da terra.

Sim, “Nós sabemos – nós sempre sabemos (contém ironia) –, mas mesmo assim...”

E bem sei que jamais esquecerei a experiência vulcânica vivida após aquela denúncia! Meu corpo foi tomado por um enjoo agudo e profundo, por culpa, dor e angústia, por um intenso mal-estar, pela percepção de dores e traumas que sabia que eu também experimentava, que eu também causava. No entanto, naquele momento, eu não encontrava nada para dizer, não tinha palavras para apresentar... só podia escutar, pensar, acatar e aquiescer... a boa humildade diante da verdade que irrompe pela fala do outro.

Diante da fala de Lúcia, diante da denúncia incontornável, o que pode caber a nós psicanalistas além da escuta, da reflexão, que nos incita então a que nos responsabilizemos e nos disponibilizemos para a ação reparatória e de transformação social?



como é cruel a falta de escuta e receptividade à dor, como é feroz a deturpação da crítica ou da denúncia, como é eficiente a ação pérfida do pensamento defensivo racionalizado

O golpe foi tal que eu simplesmente não pude des-ver e des-escutar aquilo que Lúcia desvelou naquela noite.

Ainda bem, pois tenho testemunhado quão cruel e enlouquecedora é a surdez ativa de quem detém o poder, surdez que pode confundir aquele que é atacado, fazendo-o pensar que o erro é seu, que o descaso e o castigo são merecidos, interiorizando o desvalor, passando a crer que não lhe caberia outro lugar que o da servidão, da inexistência, da morte... Como é cruel a falta de escuta e receptividade à dor, como é feroz a deturpação da crítica ou da denúncia, como é eficiente a ação pérfida do pensamento defensivo racionalizado, este que inverte os termos e responsabilidades, transformando aquele que ataca em vítima de perseguição...

Aquele encontro funcionou para mim como um desencontro interno, ou talvez melhor, como

um novo encontro com uma realidade negada, recusada, e pôde se transfigurar então – e isso me parece importante – em impulso para que buscasse superar o choque e que passasse de uma simples aceitação para a ação. Buscamos, então, construir uma grupalidade desde a sala de aula que promovesse os primeiros passos, ainda incipientes (como ainda hoje o são) para a construção de ações e reflexões desde a psicanálise, que não mais negassem o racismo e naturalizassem as desigualdades, que não mais as colocassem como efeito de capacidades e incapacidades individuais diversas, mas, sim, como resultado de barreiras e impedimentos impostos ativamente a tantos, para que tão poucos pudessem se manter gozosos em seus privilégios.

Nossas ações seriam no sentido de fazer com que não mais fosse possível recusar a percepção das consequências perversas e devastadoras do que quase quatro séculos da escravização, motor do capitalismo colonial, imprimiram em nossos corpos e almas, que não fosse mais possível recusar a existência de uma farsa cínica nomeada como democracia racial – democracia que é negada consistente e cotidianamente –, que não mais fosse possível recusar as consequências nefastas do racismo na construção das subjetividades em nosso país, o que trouxe e traz, evidentemente, resultados mortíferos, odiosos e aterrorizantes, aplicados diferencialmente, para as relações intersubjetivas e intrassubjetivas que temos estabelecido entre nós.

Ora, todos sabemos que a violência em nosso país, fruto da exploração, da humilhação e da desigualdade em todos os campos (saúde, educação, trabalho, remuneração, habitação, segurança, longevidade, sistema judiciário e penitenciário, transporte, saneamento básico etc. etc.), explode hoje visível em todos os indicadores sociais e no terror, também desigual, em que temos vivido em função da institucionalização do totalitarismo e do fascismo brasileiro, um sistema que conseguiu eleger como presidente¹² um criminoso sórdido, violento e perigoso, recém-denunciado pela Procuradoria Geral da República como cabeça de uma trama golpista, líder cínico e corrupto de um

Moritz Kon e Pedro Mascarenhas. Evento em três etapas: Etapa I: “Vivências do racismo à brasileira: cenas do cotidiano”, 31 de março de 2012, Etapa II: “Negritude em cena”, 19 de maio de 2012, Etapa III: “Perspectivas: conferências e debates”, 22 e 23 de junho de 2012.

9 Em 2012, o Supremo Tribunal Federal decidiu por unanimidade que as ações afirmativas são constitucionais, como a política de cotas (Lei 12.700), e de suma importância na correção das desigualdades. A Lei de Cotas “garante a reserva de 50% das matrículas por curso e turno nas 59 universidades federais e 38 institutos federais de educação, ciência e tecnologia a alunos oriundos integralmente do ensino médio público, em cursos regulares ou da educação de jovens e adultos”.

10 N.M. Kon, C.C. Abud e M.L. Silva, *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise*.

11 Obra já clássica para os estudos decoloniais e pioneira ao examinar e procurar compreender os laços psíquicos implícitos no processo colonial europeu e na relação entre colonizador e colonizado.

12 Conforme mencionado anteriormente, esse texto foi gestado em plena vigência da pandemia de COVID-19, durante o desgoverno cruel de J. Bolsonaro. Com relação a esse momento remeto o leitor a um artigo que escrevi com Thiago P. Majolo, “O que podemos diante dos perversos?”, *El País*, disponível em: <<https://brasil.elpais.com/opinion/2020-05-28/o-que-podemos-diante-dos-perversos.html>>.

grupo de ignorantes, facínoras e perversos, bestas que atuam com a desfaçatez do torturador a quem enaltecem, do fora da Lei e inimputável, que gerem uma política do senhor, de seu capataz e de seus escravos, e que definem, para a satisfação de seu gozo repulsivo, aqueles que consideram simplesmente dispensáveis, simplesmente matáveis.

Um pandemônio que tornou, de forma ativa e gananciosa, ainda mais nociva a pandemia que mata, desigualmente, todos nós.

Bolsonaro – hoje réu, juntamente com seus asseclas – e o bolsonarismo são sintomas da perversão e da recusa à Lei, do descaso e do desrespeito ao direito do Outro, de todos e quaisquer outros – ainda que haja implicações diferentes a depender da raça, etnia, sexo, diversidade e orientação sexual, gênero, classe, religião, idade, capacidades, região... –, perversão que atravessa e estrutura toda a sociedade brasileira, que atravessa e que constitui todos nós, também nós, psicanalistas.

Tem sido muito angustiante e dolorido acordar todo dia e tomar meu café com fel! Fel, ódio que amarga minha vida e que desvela o desejo de morte que atravessa meu cotidiano, e que aterrorentemente passa também a alimentar minhas fantasias, e que sei que marca também a fantasia de muitos amigos e analisandos que, doloridamente, relatam planos de morte para esses que foram colocados no poder em nosso país. Muito veneno e desperdício de vida.

Pois é inconcebível e inaceitável o resultado do que viemos construindo nesse país de desgraças, desde o momento zero em que o invadimos, desgraças que esse governo inominável botou às claras (e aqui a expressão é bem usada)! Como fomos, e ainda somos, capazes de chegar aonde estamos, de experienciar como natural a desumanização, a desvalorização, a exploração e a objetificação de tantos para garantir sem peias, sem peso e sem culpa, o privilégio de tão poucos em detrimento da imensa maioria de nossa população...

E nós, psicanalistas, com tudo isso?!

Como foi (e ainda é) possível deixar de escutar, deixar de ver, deixar de se mobilizar para a necessidade de construção de uma instituição



*como foi que deixamos
de assumir e empunhar a potência
de libertação da Psicanálise,
seu maior valor, que convoca o desejo
responsável de cada um*

de formação de psicanalistas que se lançasse no projeto de uma brasilidade inclusiva, de uma brasilidade cidadã? Como foi que deixamos de assumir e empunhar a potência de libertação da Psicanálise, seu maior valor, que convoca o desejo responsável de cada um, que tem na ética o seu mote, que propõe uma civilidade igualitária em que a Lei paira acima de todos e de cada um, que propõe a alteridade como aquilo que nos contorna e estrutura? Como chegamos a ceder ao projeto liberal, fraudando e corrompendo nosso saber, deixando de cuidar e de formar tantos que se beneficiariam do cuidado para o bem-viver que a psicanálise pode oferecer, enriquecendo-a, como corolário, reciprocamente? Como pudemos invalidar e refutar tantos saberes oferecidos por nossos concidadãos, praticando o epistemicídio¹³, invalidando e desperdiçando um enorme manancial de conhecimento?

Esse é o resultado de séculos da obra enlouquecedora e mortífera, obra que nos mina por dentro, inviabilizando a empatia e a compaixão, que insufla um narcisismo obsceno, assassino e traumatizante, obra da alienação e do interesse, da recusa à realidade compartilhada, base da perversão.

“Eu sei, mas mesmo assim...”

“Nós sabemos, mas mesmo assim...”

Retorno e retomo as questões propostas por Lúcia, em 2011, questões para a psicanálise...

Se não era mais possível deixar de saber o que eu, de alguma forma e em algum lugar, deveria saber, era o momento de buscar saber mais e propor mais.

Para que fossem possíveis o evento e o livro mencionados, contávamos com outras parcerias e outras ações.



*um trabalho de letramento
experiential que nos ajuda a discernir,
refletir, se responsabilizar e construir
caminhos de reparação*

Estávamos juntos a um grupo que assumia uma posição política de abertura, mais receptiva à diversidade e à diferença. Um grupo interessado em trazer para perto e contar com a presença de mais vozes produtivas em nosso Departamento, e com isso trazer o antirracismo contra o negro – e não só o antirracismo¹⁴ –, para o interior do campo

13 O termo epistemicídio foi cunhado pelo sociólogo português Boaventura de Souza Santos, que afirmava que a produção do conhecimento científico foi construída de acordo com um único modelo epistemológico.

No Brasil, a filósofa Sueli Carneiro se apropriou do termo para compreender o racismo estrutural em nosso país. Em sua tese de doutorado *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser* (2005), reforça a impossibilidade de não associar a desqualificação do conhecimento produzido pelos povos dominados com a desqualificação da posição, coletiva ou individual, como seres capazes de aprender. “O epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Por isso, o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender” (p. 97, 2005).

14 Não só o marcador social de exclusão de raça deve ser enfrentado pela psicanálise. Raça vem junto com classe, com sexo, gênero, vem junto com periferia, com território, vem junto com reflexões sobre nossa clínica, nossa metapsicologia, nossa modalidade formativa.

15 Ver <<https://sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?mpg=03.00.00>>.

16 Integrantes da Comissão de Reparação e Ações Afirmativas 2022-2025: Adriana Elisabeth Dias, Ana Lucia Panachão, Anne Egídio, Christiana Martins R.C. Freire, Clarissa Giacomo da Motta, Cristina Barczinski, Daniela Danesi Magalhães, Daniela de Andrade Athuil Galvão de Sousa, Dedé Ribeiro, Fernanda Araújo de Almeida, Glécéria Correia Laranjeira Netto, Heidi Tabacof, Juliana Farah, Lucila de Jesus Mello Gonçalves, Maria Aparecida Miranda, Maria Cristina Petry Barros Martinha, Maria do Carmo Vidigal Meyer Dittmar (Lila), Maria Marta Azzolini, Marisa Correa da Silva, Noemi Moritz Kon, Paula Francisquetti, Pedro Robles, Selma Tavares, Silvio Hotimski, Solange Maria Santos Oliveira e Tide Setubal.

da psicanálise, para que estivesse sempre presente entre nós, para que não pudesse ser mais esquecido ou calado, inserindo-o nas discussões internas dos cursos e dos vários grupos de trabalho. Essa política teve a Incubadora de Ideias, um dispositivo do Conselho de Direção do Departamento de Psicanálise, como seu catalisador e mobilizador central, um lugar de referência, um espaço potencial e potencializador, para a criação de novos espaços de pesquisa, e que deu sustentação para a construção dos muitos e novos grupos de trabalho (alcançamos quase 30 nesse momento)¹⁵. Concretizou-se também por meio de outros trabalhos, como os levados pela Comissão de Admissão, pelo grupo que compôs o Regulamento Interno, que estabelece e opera a Lei entre nós, pela organização dos vários manuais reguladores para eventos, publicações e para gestão financeira, pela criação do site do Departamento, além do importante trabalho de articulação política dos vários Conselhos de Direção, trabalhos que foram assumidos por um número maior de membros do Departamento, membros e aspirantes a membros que se dispuseram ao movimento necessário para esses novos tempos.

Todo esse movimento culminou na constituição, em fevereiro de 2022, da Comissão de Reparação e Ações Afirmativas¹⁶ do Departamento de Psicanálise, instância vinculada ao Conselho de Direção, e que tem assumido a iniciativa nos trabalhos de letramento antirracista. Temos sustentado duas vias principais nessa luta. De um lado, os encontros de Aquilombamento Afetivo, como temos denominado nossa metodologia de trabalho, um corpo a corpo para o enfrentamento coletivo, no aqui e agora, dos muitos desafios e mal-estares experimentados nas relações étnico-raciais entre nós. Um trabalho de letramento experiential que nos ajuda a discernir, refletir, se responsabilizar e construir caminhos de reparação para que sejamos capazes de, com sorte, estabelecer alianças de confiança e refundar nossas estruturas psíquicas individuais e coletivas. De outro, a campanha “Levante! Por uma Psicanálise antirracista”, que visa à obtenção de recursos financeiros para a constituição do auxílio formação para

os cotistas do Departamento de Psicanálise que têm participado de corpo e alma, e de forma tão generosa quanto imprescindível, para nosso processo de transformação e aprimoramento.

Ainda assim, apesar de tantos esforços e projetos, com relação à questão do antirracismo entre nós, não posso deixar de evidenciar a morosidade e a resistência para seu enfrentamento. Ainda não conseguimos nos letrar suficientemente, nem tampouco ampliar consistentemente nossos quadros de docentes, de supervisores e, mesmo, de analistas em formação nos cursos. Não alcançamos ainda uma diversificação epistemológica, nem mesmo uma ampliação satisfatória de nossas interlocuções intelectuais e clínicas. É crucial retomar nosso protagonismo diante das grandes transformações sociais de que nosso país necessita, nos juntando aos movimentos sociais que lutam por equidade e justiça social.

Mas, ainda que encontremos entraves e resistências, mantemos o empenho no trabalho de transformação e letramento, alcançando alguns marcos.

Elaboramos eventos que colocam a questão étnico-racial no centro das discussões propostas. Participamos de lançamentos e palestras em universidades e instituições culturais, e também em outras instituições de Formação em Psicanálise, acompanhamos outras ações no interior do Instituto, junto à Diretoria e à Clínica Psicológica do Instituto, escrevemos artigos, entrevistas e resenhas, participamos de debates nas publicações do próprio Departamento de Psicanálise, na Revista *Percurso*, no Boletim on-line, no Blog e no site do Departamento¹⁷, figuramos também em outras publicações do campo psicanalítico, bem como da grande mídia e de mídias alternativas, buscando estabelecer no centro das preocupações da psicanálise brasileira a questão do racismo estrutural, institucional e sistêmico, salientando seus efeitos perversos na formação subjetiva de todo brasileiro.

Também buscamos estar perto de outras instituições de formação de psicanalistas para convocar o tema étnico-racial como escopo da psicanálise. Destaco dentre estas parcerias o



*há um letramento trabalhoso
e dolorido a ser levado a cabo.
Sabemos, nós psicanalistas, como
é difícil abandonar uma posição
de segurança e privilégio*

importante trabalho formativo junto ao instituto AMMA Psique e Negritude, do qual Maria Lúcia da Silva é fundadora, já no ano de 1995, no qual participamos de um grupo inter-racial de psicanalistas, os Psicanalistas Atent@s às questões étnico-raciais, composto por alguns membros do Departamento de Psicanálise, mas também por outros psicanalistas de outras instituições, um grupo que vem estabelecendo um aparato teórico-clínico psicanalítico já há oito anos.

Nesta ocasião de testemunho sobre o primeiro movimento na história departamental relativo às questões étnico-raciais, aproveito para indicar o levantamento completo estabelecido pelo *Boletim Online*, intitulado Acervo Online para uma Política de Reparação no Departamento de Psicanálise, publicado no *Boletim Online*, n. 61, de novembro de 2021¹⁸.

Mas sabemos que apesar do esforço e da, digamos, boa vontade (uma péssima expressão), se algo foi feito, há ainda uma infinidade a ser realizada. Há um letramento trabalhoso e dolorido a ser levado a cabo. Sabemos, nós psicanalistas, como é difícil abandonar uma posição de segurança e privilégio (ainda que à base de muita recusa) para construir uma comunidade verdadeiramente igualitária. Estamos num momento de reparação, em que é necessário desigualar para no futuro igualar novamente, ou melhor, igualar o que foi desde sempre tornado desigual, pois é evidente que, se não há certamente qualquer vantagem em ser minorizado, em ter seus direitos espoliados, é também, mas não igualmente, terrível e empobrecedor ocupar um lugar de suposta superioridade às custas da exploração do outro. Esse lugar de surdez nos aliena, enlouquece e perverte.



por isso estamos aqui juntos, de forma respeitosa, pois sabemos que daremos continuidade à luta antirracista na psicanálise, em nosso Departamento e, também, nesse Instituto

E quem reavivou o movimento antirracista entre nós, numa segunda onda irreprimível, e que tem se incumbido, convocado e movimentado hoje esse imenso trabalho no Departamento de Psicanálise e no Instituto Sedes Sapientiae, é o grupo de trabalho “A cor do mal-estar: psicanálise e racismo – da invisibilidade do trauma ao letramento”, constituído em novembro de 2018. Devo novamente agradecer imensamente agora aos colegas negros de nosso grupo, a Anne Egídio, Maria Aparecida Miranda e Marisa Correa da Silva, as proponentes da *Cor do mal-estar*, e que levaram e sustentaram essa proposição na Incubadora de Ideias; mas não só a elas, agradeço a Solange Maria Santos Oliveira, a Ana Lucia Marques, a Erivelton Amaro Teixeira, a Selma Tavares, a Glicéria Netto, Juliana Dantas, a Jefferson Pinto, Roberta Veloso de Matos, e a outros negros que se juntaram a nós mas que não puderam dar continuidade ao trabalho conjunto, agradeço por sua força, coragem, doação e enorme paciência para liderar esse letramento entre nós.

Temos nos dedicado juntos em muitas e diferentes frentes e temos tido muito trabalho e trabalho duro também psiquicamente. Temos buscado estudar, embora estejamos estudando menos do que desejaríamos, estamos na luta também na Comissão de Reparação e Ações Afirmativas, estamos na luta pela presença de docentes, supervisores e discentes negros e oriundos dos povos originários, por uma bibliografia ampliada, estamos na recepção e acompanhamento de alunos

cotistas que participam dos três cursos do Departamento, que compartilham suas experiências e enriquecem nossas discussões, que trazem críticas que nos impulsionam a rever e ampliar nossas concepções teórico-clínicas psicanalíticas. Trabalhamos junto ao Departamento de Formação em Psicanálise no Fórum Permanente de Discussão das Relações Raciais, trabalhamos junto ao Conselho de Direção do Departamento de Psicanálise e também junto à Diretoria de nosso Instituto. Temos proposto ações de letramento, eventos, como *Política de cotas: uma questão urgente para as instituições de formação psicanalítica*, para o qual este texto foi originalmente escrito, temos buscado estabelecer pontes com outras instituições. Um trabalho em muitas frentes, um trabalho árduo e infundável, mas recompensador.

E por isso estamos aqui juntos, de forma respeitosa, ética e democrática, pois sabemos que daremos continuidade à luta antirracista na psicanálise, em nosso Departamento e, também, nesse Instituto, inventando uma psicanálise que lide corajosamente com a história de nosso país, sem negar sua violência original, uma psicanálise brasileira, que busque conhecer e trabalhar com sua saga de crueldades, para criar um novo futuro em que seja possível reparar os imensos danos que recaíram desigualmente sobre toda a sua população.

E nós continuaremos insistindo; pois hoje sabemos bem mais do que ontem e desejamos saber ainda mais amanhã; sabemos que poderemos, por meio de um trabalho profundo, nos responsabilizar, e nos juntar a outros movimentos sociais e políticos na luta contra a rarefação do pacto de civilidade, na busca de construção de elos verdadeiros de confiança recíproca. Oxalá tenhamos a coragem de revisitar criticamente nossa história para refundar as nossas estruturas, nos opondo à retraumatização individual e coletiva, a fim de construir juntos uma sociedade que se baseie verdadeiramente num laço social que inclua equitativamente a todos nós.

E estamos aqui para isso. Pois somos engenhosos e capazes, obstinados e corajosos, éticos

17 Os eventos e muitos artigos estão disponíveis on-line e gratuitamente na página do Departamento de Psicanálise, <<http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/>>.

18 Disponível em: <http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?apg=b_visor&pub=61&ordem=17>.

e alegres, amorosos e esperançosos, caso contrário não estaríamos na luta juntos.

E sabemos, uma vez que roçamos o fim do mundo, e que estamos quase chafurdando nele, que precisamos criar um futuro para todos nós hoje, e, também, para os que virão.

Que cheguemos lá!

Encerro este texto, inspirada pela poesia de Erivelton Amaro (Ton). Ton a compôs para o dia da mulher. Consentiu que eu a transcriasse, apenas evocando a pessoa negra no lugar da mulher:

Eu jamais falaria por uma pessoa negra
Seria dizer da boca pra fora
Pra mim seria impossível
Tal como um cavaquinho produzir um som de uma flauta doce
O que uma pessoa negra é?
Pra mim é algo da ordem do indizível
Então me silêncio

Referências bibliográficas

- Carneiro A.S. (2005). *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese (doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Kon N.M.; Abud C.C.; Silva M.L. (2017). *O racismo e no negro no Brasil: questões para a psicanálise*. São Paulo: Perspectiva.
- Kon N.M.; Majolo T.P. (2020). O que podemos diante dos perversos?, *El País*, 28 maio. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-05-28/o-que-podemos-diante-dos-perversos.html>>. Acesso em: 30 maio 2025.
- Mannoni O. (1950/2024). *Psicologia da colonização*. São Paulo: Perspectiva.
- Mills C.W. (2007). White ignorance. In: Sullivan S.; Tuana N. (eds.), *Race and epistemologies of ignorance*. Albany, NY: SUNY Press, p. 11-38. Disponível em: <<https://philarchive.org/archive/SAN1B>>.

podem se definir e deixar suas notas fluírem pelo ar
Porque podem e têm o direito de falar!

A mim só cabe aprender, apoiar e também admirar
Eu emprestaria os meus ouvidos se não fossem falhos
Por mais potente que seja ouvir uma pessoa negra
Temo que em meus ouvidos suas palavras tomem atalhos
E sigam por um chão batido e infértil de uma branquitude que ainda espalho

Branquitude com a qual me debato e muitas vezes apinho, mas não desisto mesmo em frangalhos
Por isso quando uma pessoa negra fala eu me rendo, nunca resisto, eu me calo e me recolho

Escuto com a minha pele, meu nariz, nunca com a boca e sim com cada olho

Na esperança de capturar suas palavras
Na expectativa de que ela me faça
vibrar na mesma nota de dentro pra fora
Sem a pretensão de atingir o mesmo tom
Com o coração, nunca com a boca
Da boca pra fora nunca

A place of listening: towards an anti-racist psychoanalysis in the Department of Psychoanalysis of the Sedes Sapientiae Institute

Abstract This text was updated based on the one I presented in the second stage of the event “Quota policy: an urgent issue for psychoanalytic training institutions”, promoted in 2022 by the group “The Color of Malaise: psychoanalysis and racism, from the invisibility of trauma to literacy”, from the Department of Psychoanalysis at the Sedes Sapientiae Institute.

I was invited then, as now, to give my testimony about the first phase of the anti-racist struggle movement in the Department of Psychoanalysis, a moment in which we began work on the relationship between psychoanalysis and racism in Brazil. The celebration of 40 years of our Department, under the theme of the transformations of psychoanalysis in the world, in Brazil and in the Department, the general theme of this issue of *Percurso*, seems to me to be a good opportunity to recover part of the memory and resituate in our institutional history the ethnic-racial issue as a fundamental, but so often rejected, element of review and improvement of psychoanalysis in Brazil and the world.

Keywords racism; psychoanalysis; training in psychoanalysis.

Texto recebido: 02/2025.

Aprovado: 04/2025.